

Fundado na unidade cósmica do universo, vai o poeta buscar-se a si mesmo na larva que procede do caos telúrico e atravessando milhões de vidas, em sucessivas transformações, segundo a teoria evolucionista, identifica-se finalmente na alma humana, já integrada na existência social. Exatamente aí começa o drama da consciência, que é o drama da razão. E como quem traz uma vocação para a desgraça e um tropismo ancestral para o infortúnio, nenhuma beleza consegue ver na vida, antes, horrorizado de tudo, mostra seu nojo à natureza humana.

Chega-se à sexta estância e a Sombra pára de falar. Mas nesse passo, sem distorção da ordem pre-estabelecida na criação poética, surge o filósofo moderno, um mineiro doido das origens, que quer compreender a vida fenomênica das formas. Sobre êle versam nove estâncias, nas quais a filosofia e a ciência procuram unir-se à razão para mostrar ao homem que êle não passa de um animal putrescível. E a despeito de tudo, antevê o filósofo, numa quase visão divinatoria, a energia intra-atômica liberta, o que, na realidade, é de espantar tenha ocorrido num môço de 17 anos, nos idos de 1901.

Após o filósofo, aparece o sátiro que, na sequência do poema, ocupa onze estâncias, a partir da décima-quinta. Ébrio de vício, sorvendo o odor das carnações abstêmias, traz os sentidos obliterados no gôzo da sensualidade. Mas de sua alma, na caverna escura, não tarda a despontar o cruel aguilhão do remorso. E no que toca ao remorso, que fere em cheio a caverna do sátiro, colhe-se da narração esta estupenda revelação, que é bem realista:

As alucinações tactis pululam.  
Sente que megatérios o estrangulam...  
A asa negra das môscas o horroriza;  
E autopsiando a amaríssima existência  
Encontra um cancro assíduo na consciência  
E três manchas do sangue na camisa!

No ponto em que o sátiro deixa o poema volta a Sombra a falar e fala em apenas duas estâncias — 27 e 28. Tendo em vista a construção laboriosa do poema, o reaparecimento da Sombra parece um tanto arbitrário. Francamente, não atino com a divisão dessa narração, aparecendo a Sombra no começo e no final do poema. Volta sòmente para provar ao mun-